

Cláudio Manuel da Costa

por

Laura de Mello e Souza

coordenação

Elio Gaspari e Lilia M. Schwarcz

COMPANHIA DAS LETRAS

copyright © 2010 by Laura de Mello e Souza

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico
da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

capa e projeto gráfico

warrakloureiro

imagem da capa

Manuscrito e assinatura de Cláudio Manuel da Costa.

Arquivo Público Mineiro — APM

pesquisa iconográfica

Vladimir Sacchetta

Lucia Garcia

preparação

Leny Cordeiro

índice remissivo

Daniel Theodoro

revisão

Ana Maria Barbosa

Márcia Moura

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Souza, Laura de Mello e

Cláudio Manuel da Costa / Laura de Mello e Souza.

— São Paulo : Companhia das Letras, 2011.

ISBN 978-85-359-1761-1

1. Costa, Cláudio Manuel da, 1729-1789 2. Poetas
brasileiros — Biografia 1. Título.

10-10419

CDD-928.6991

Índice para catálogo sistemático:

1. Poetas brasileiros: Biografia 928.6991

[2011]

todos os direitos desta edição reservados à

EDITORASCHWARZ LTDA.

rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 – São Paulo – SP

tel. (11) 3707-3500

fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

Cláudio Manuel da Costa

O letrado dividido

Para Vavy Pacheco Borges, amiga querida
e mestra na arte de escrever biografias

*Que consciência dividida
me faz ser dois e, em seguida,
me torna um só, mas sem vida?*

*Quem me trouxe a este degredo?
Quem me jogou desde cedo
em labirintos de medo?*

*Que sombra, estigma ou segredo
se grava, trêmulo, a medo,
em minha face plural?*

*Quem te conta o que não digo
e dorme sempre comigo
sono de pedra e cal?*

Emílio Moura, “Canção”

Sumário

Introdução 11

1. Cláudio: nome e destino 17
2. Os pais 23
3. A paisagem da infância 29
4. A casa e a primeira formação 36
5. Mineiro no Rio 47
6. Coimbra 53
7. Poesia e sociabilidade 64
8. De volta à pátria 69
9. Mariana e Vila Rica 74
10. Ajudando a governar 81
11. Boas amizades 90
12. Brigando por cargos 95
13. Primeiro advogado 104
14. Dinheiro e serviço 110
15. Viagem dilatada e aspérrima 118

- 16. Letrado de aldeia 129
 - 17. Ser e parecer 140
 - 18. Renascido, ultramarino, obsequioso e satírico 146
 - 19. Dilaceramento 158
 - 20. Conversas perigosas 164
 - 21. Tragédia 178
 - 22. Delírio 186
 - 23. História, lenda e remorso 192
- Agradecimentos 199
Indicações e comentários sobre bibliografia
e fontes primárias 201
Glossário 217
Cronologia 221
Índice remissivo 235

1. Cláudio: nome e destino

*Destes penhascos fez a natureza
O berço em que nasci: oh! quem cuidara
Que entre penhas tão duras se criara
Uma alma terna, um peito sem dureza!*
Soneto XLVIII, *Obras*

Filho do português João Gonçalves da Costa e da paulista Teresa Ribeiro de Alvarenga, Cláudio Manuel da Costa nasceu em Minas Gerais, no distrito da Vargem, no dia 5 de junho de 1729. Na época, o rei de Portugal era d. João v e governava a capitania das Minas d. Lourenço de Almeida, fidalgo de alta linhagem e conduta mais que duvidosa.

Naqueles anos, os diamantes atraíam levas enormes de gente para uma região nova, onde hoje estão Diamantina, o Serro, Milho Verde e outros lugarezinhos que ainda guardam um pouco da atmosfera do século XVIII. Parece que as pedras brancas haviam sido encontradas bem antes, por volta de

1714, mas autoridades e uns tantos privilegiados mantiveram segredo sobre o ocorrido, explorando-as em proveito próprio, enchendo-se o suficiente para garantir abastança por boa parte do resto de suas vidas. D. Lourenço de Almeida foi dos que mais se aproveitaram dos novos descobertos. Tinha antes estado na Índia, terra também abundante em gemas preciosas; ao chegar a Vila Rica em 1721, já deviam correr boatos e até amostras dos diamantes. Em 1729, quando não era mais possível encobrir o fato consumado, o que todos sabiam — ou quase todos — teve de se tornar público: o rei, d. João v, advertiu seriamente o governador num ofício, dizendo que até no Reino circulavam as pedras trazidas de Minas em navios vindos do Brasil. Os descobertos tinham sido feitos cerca de quinze anos antes, e em zona sob sua jurisdição: mesmo que fossem notícias vagas, como alegava d. Lourenço para se defender, deveria tê-las relatado a seu soberano, continuava d. João. E o puxão de orelhas final: não era justo que a notícia chegasse primeiro à sua presença “por outra via” do que pela informação pessoal do governador.

A capitania de Minas, que tinha sido desmembrada da de São Paulo em 1720, correspondia a uma região enorme, mal conhecida dos portugueses e ainda mal cartografada, a indefinição das fronteiras fazendo que as jurisdições se embralhassem e superpussem. Havia terras de Minas que respondiam ao bispado da Bahia, outras, ao de Pernambuco, a maior parte delas ao do Rio de Janeiro. Quando em 1745 se criaram os bispados de Mariana e São Paulo, o mosaico ficou ainda mais complicado: Minas se subdividia em muitas, um caleidoscópio a multiplicar pedacinhos até o infinito.

A população também guardava essa feição de colagem, mosaico ou quebra-cabeça. Em terra nova, aberta à colonização portuguesa havia cerca de trinta anos, ser mineiro era antes uma designação profissional que regional ou identitá-

ria. Os habitantes de Minas tinham vindo de outros lugares, quase sempre longínquos, apesar de a distância variar entre a imensidão do oceano, a do sertão do rio São Francisco, a da escalada da Mantiqueira. Para arriscar a vida minerando ouro numa região central da América, o pai de Cláudio tinha feito a maior das viagens então possíveis, despencando do Reino, onde, em São Mamede das Talhadas do Vouga — ou São Mamede das Doninhas, como se dizia mais comumente no final do século XVII —, vivera até então da terra, arando-a com seus bois. Fizera como cerca de 15 ou 20 mil outros portugueses que, nos quinze primeiros anos da mineração — até por volta de 1715, portanto — tentaram a sorte nas Minas. A mãe, contudo, entroncava em famílias paulistas, o que daria ao poeta, quando adulto, motivo para reivindicar foros de nobreza local. Contraditórias e mistificadoras como são, as diferentes genealogias permitem viajar nos séculos e identificar entre os antepassados de Cláudio os dois grandes pais fundadores da “paulistanidade”: o cacique Tibiriçá e João Ramalho. Esse avô mítico de tudo quanto é paulista que se preze, ou busca se prezar, se uniu a Potira, rebatizada na religião católica com o nome de Isabel Dias Ubá, e gerou um cipoal de Camachos, Godóis e Moreiras. Em meados do século XVII, por volta de 1634, um rebento dessa linhagem se juntou com uma senhora Alvarenga, de origem obscura: são os bisavós de Teresa Ribeiro de Alvarenga, mãe do poeta, por intermédio de quem ele puxaria a trama de uma possível ascendência ilustre, ou pelo menos tão antiga quanto a colonização.

Verdade ou mentira? Difícil saber, mas, possivelmente, um pouco de cada uma, mesmo porque, como disse um homem de letras do Renascimento — Montaigne —, o rosto de ambas muitas vezes é parecido. De qualquer forma, o exercício de genealogia permite destacar mais uma dualidade na vida de Cláudio: por um lado, sua origem era obscura, humil-

de e, quanto ao enraizamento local, recentíssima, em tudo, portanto, conforme a dominante daquela sociedade arrivista e ainda em processo de constituição; por outro, confundia-se com a história dos primeiros tempos da Colônia, engatando na lenda e no mito como toda história inicial, entre elas a da loba romana, mãe da cultura latina sempre tão presente no universo mental do poeta.

Cláudio, aliás, era nome romano, pouco comum em Minas Gerais ao longo do século XVIII, como também no Portugal da época. Dos países europeus, é na França que o nome tinha maior popularidade, alguns chegando a dizer que por influência do *Hamlet*, de Shakespeare, peça na qual Cláudio era o padrasto do príncipe da Dinamarca. As listas de nomes existentes ainda hoje nos arquivos mineiros — listas de pagadores de dízimos, dos que deviam aos mortos, listas de batizados e de óbitos, listas de escravos, de letrados, de vereadores da Câmara — só excepcionalmente contêm outro nome igual. No ano em que o poeta nasceu — 1729 — encontrava-se na cadeia de Lisboa um Cláudio Dias, preso por ter desviado ouro dos quintos cobrados em Minas: não se sabe se natural da capitania, se nascido no Reino. Houve uma Cláudia de Araújo, que viveu no Furquim lá por meados do Setecentos, e talvez cerca de uma dezena na capitania, ao longo do século todo. Para o século anterior, e nas demais partes da Colônia, quase não se encontram pessoas com esse nome, os documentos do Conselho Ultramarino não registrando mais que um Cláudio Urrey, estrangeiro por certo, que andara pela Bahia.

Não que no mundo lusitano só se dessem às crianças os nomes dos santos mais populares, apesar de, nas Minas, os José — em homenagem ao marido da Virgem, em franca ascensão na época — constituírem legião: encontram-se nomes mais raros, hoje em total desuso, como Ventura, Clemente, Gervásio, Valentim. Nomes de santos meio feiticeiros e mais

próximos do diabo que do Criador, como Cipriano. Nomes romanos também, como Teodósio. E nomes compostos mais esdrúxulos que o do poeta, como Teotônio Maurício e Constantino Lourenço, para não falar naqueles, mais comuns, de dois dos grandes amigos da sua vida adulta, Inácio José e Tomás Antônio. Cláudio Manuel, só ele: metade romano, refinado, antiquíssimo; metade português, ordinário, banal.

João e Teresa, os pais, tinham nomes portugueses comuns na época. Os nomes mudam ao longo do tempo: Andreza, Violante, Custódio já tiveram seus dias de glória em épocas passadas, e nos cartórios de hoje não se encontra sequer um deles. Aos filhos havidos de sua união, o casal Gonçalves da Costa e Ribeiro de Alvarenga quase sempre deu nomes portugueses e comuns como os seus, mas inovou aqui e ali, de modo bastante curioso e sugestivo. Tudo indica, apesar de certa confusão nos documentos, que foram três os Antônios, invocando os pais de João da Costa, Antônio Gonçalves da Costa e Antônia Fernandes: o mais velho, nascido em 1722, que manteve o nome quando se tornou frade agostiniano e lhe acrescentou um “de Santa Maria dos Mártires”; o segundo, João Antônio — possivelmente falecido ainda estudante universitário em Coimbra —, e um terceiro, bem mais moço, José Antônio, vindo ao mundo, conforme as evidências, em 1736, e muitos anos depois juiz de fora em Olinda.

Um pouco discrepante, mas não tanto como Cláudio, foi o nome que deram ao quarto rapaz, Francisco de Sales, santo francês aguerrido na luta contra os protestantes e canonizado em 1655: a escolha dá um tom mais cosmopolita ao casal da Vargem do Itacolomi, sugere certa admiração pelo movimento dos salesianos e por um novo tipo de caridade que se havia delineado na França por intermédio de um outro seguidor desse santo, o extraordinário Vicente de Paulo. Francisco de Sales nasceu em 1733, foi frade da Santíssima Trindade, acrescentou

ao nome de batismo o “de Jesus Maria” e seguiu os cursos da Universidade de Coimbra no final da década de 1750, tornando-se doutor e lente de Teologia, além de figura de destaque junto ao Tribunal da Inquisição: em 1776, era qualificador do Santo Ofício, o que correspondia a um atestado de vasta cultura teológica e religiosa, além de prestígio político.

A primeira das meninas carregou em três dos seus nomes a tradição portuguesa: Ana Rosa Felícia; o quarto nome que lhe atribuíram permite, contudo, que se perceba de novo a reverência paterna pela França, expressa na escolha do nome do futuro poeta e do irmão trinitário: não mais religiosa, como no caso de Francisco de Sales, mas política, pois a moça era “de Valois”, como os reis da dinastia que terminara no final do século XVI: Ana Rosa Felícia de Valois! Por fim, a última das filhas era Francisca Clara de Jesus: como ocorreu com a escolha do nome do primogênito Antônio, fechava-se a prole com a tradição onomástica bem lusitana.

Como pouco se sabe dos pais de Cláudio Manuel, as escolhas que fizeram para nomear os filhos são indícios de alguma sofisticação ou requinte num meio rude, onde tudo começava e estava por fazer. João Gonçalves da Costa e Teresa Ribeiro de Alvarenga parecem ter sido mais do que meros aventureiros atraídos pelo ouro e pelo enriquecimento fácil, denotando certa instrução, talvez certa cultura. Antes da reforma da universidade, e antes que se generalizasse entre os habitantes das Minas o hábito de mandar os filhos estudarem no Reino, o casal se esforçou, sabe-se lá como, para que cinco dos meninos cursassem Coimbra. Uma raridade na época.